

ECONOMIA
ECONOMIA

Pode estar chegando a maior recessão sincronizada do planeta, alerta Beluzzo

WANDA JORGE
wandajor@zipmail.com

A primeira recessão sincronizada no planeta aconteceu em 1974/75 e a segunda em 1982. Provavelmente a maior delas está a caminho, com a desaceleração econômica em países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos, e da qual dificilmente o Brasil escapará. A previsão é do professor Luiz Gonzaga de Mello Beluzzo, do Instituto de Economia (IE) da Unicamp, que lembrou de forma didática a história econômica mundial, durante a Cientec 2001 – Mostra de Ciência de Tecnologia para o Desenvolvimento, sediada pela Universidade entre 24 de agosto e 2 de setembro.

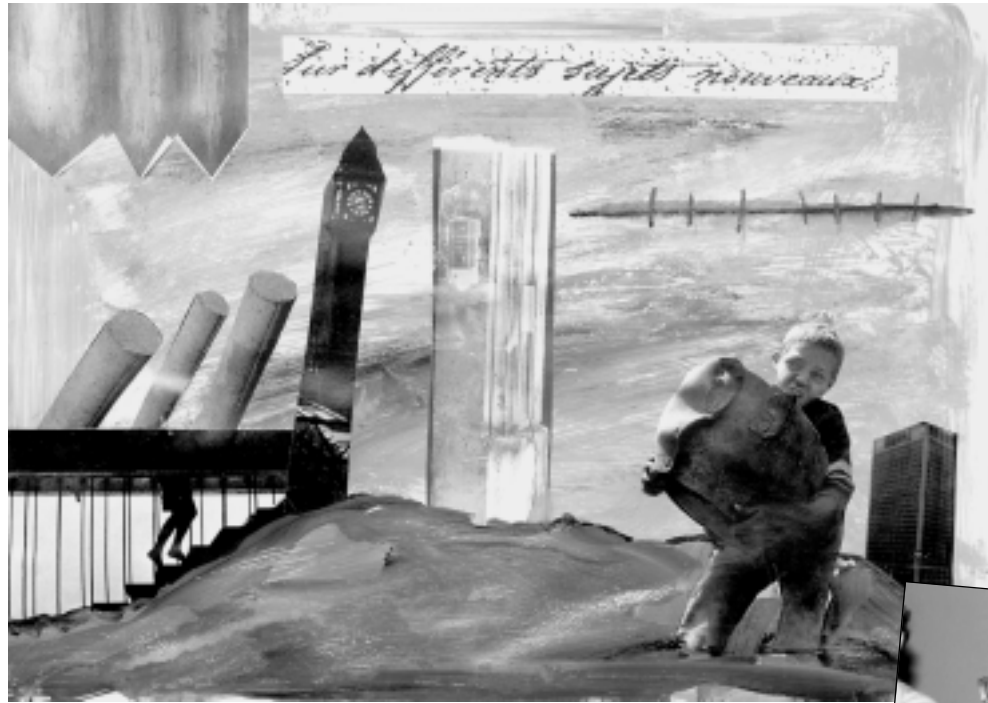
De acordo com o economista, as economias devem crescer para poderem exportar mais e não o inverso, como o governo brasileiro sugeriu recentemente. “Trata-se de uma falácia de composição”, acusa.

Esta situação de crise contagiante evidencia a interdependência dos países e explica o impacto maior nas economias mais frágeis. Com a primeira grande crise dos anos 70, os Estados Unidos impuseram o dólar como moeda de referência para financiamento e reserva de valor e, com a Guerra do Vietnã, se colocaram no papel de gendarme internacional. No final da década, a degradação do dólar como moeda de reserva estável provocou alta das taxas de inflação nos países da periferia. Em 82, quebrou o México e, em seguida, o Brasil. Na década de 90 o mundo observou a supervalorização do dólar e o crescimento acelerado da economia norte-americana.

Hoje, Beluzzo identifica uma polarização ainda maior do papel dos Estados Unidos, que respondem por 30% da demanda mundial. “É como se existisse um sistema americano de comércio; sua posição de economia dominante reflete-se diretamente nos países periféricos. Economias como as da Coreia, Taiwan e Singapura dependem das exportações para os EUA, que participam com mais de 25% de suas receitas. Embora o Brasil tenha uma dependência menor em seu comércio externo com os americanos, se a economia desacelera lá, afeta outros países que compram produtos brasileiros”.

Origens da dependência – O período clássico de integração da economia mundial, sob o comando da Inglaterra e do padrão ouro, foi de 1870 a 1914, quando os países tinham um comércio mais globalizante do que hoje. O sistema bancário inglês financiava o mundo, a Alemanha acelerava seu desenvolvimento industrial e os Estados Unidos cresciam sua participação com uma economia agrícola importante e indústrias em expan-

Efeito dominó



Luiz Gonzaga Beluzzo (destaque), do IE: “Economias precisam crescer para exportarem mais”



são. A inserção do Brasil deu-se com o café. Luiz Gonzaga Beluzzo lembra que é nesta fase que se estabelece a concepção de centro e periferia.

Para o professor da Unicamp, esses períodos foram marcados por um comércio dinâmico e ciclos de atividades bem acentuados. Tais movimentos já afetavam a periferia, que amortizava o impacto para os países centrais, sofrendo com a queda dos produtos primários, desemprego e redução de salários. “A Primeira Guerra pôe fim a esta fase e, na reconstrução das posições anteriores, os países em desenvolvimento não conseguem recuperar suas colocações antes demarcadas”.

Os anos de 1918 a 1939 podem ser considerados de desajustamento, com a queda no comércio mundial e recuo na expansão dos países. Esse período entre guerras provocou a assimetria nos processos de crescimento, com a Inglaterra sem expandir, a Alemanha buscando se ajustar e os Estados Unidos em condição mais favorável. A crise de 29 provocou a paralisação do comércio mundial, por conta das desvalorizações competitivas que os países passaram a praticar para proteger suas economias: o café caiu quase 70%, o que significou um desastre para o Brasil; e a carne e o trigo, principais produtos exportados pela Argentina, caíram mais de 40%.

Credores do mundo – Os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra como credores do mundo, o que iniciou um ciclo de financiamento de economias da América Latina, entre outras. Os vencedores trataram de criar uma nova ordem mundial, agora planejada a partir das experiências negativas. O acordo de Breton Woods resultou da crítica das duas décadas anteriores. Beluzzo ressalta que era preciso evitar o que aconteceu depois da Primeira Guerra, com a falta de

hegemonia e organização global. “Em 44, Inglaterra e EUA saem de Breton Woods dispostos a exercer o papel de reguladores da economia mundial”.

Tratava-se, então, de recompor as relações comerciais com pré-condições como taxas fixas de câmbio, ainda que ajustáveis, e criar organismos que resolvessem problemas de liquidez de curto prazo para que o país em crise pudesse rapidamente corrigir suas distorções. É o momento em que surge o FMI. A expectativa era de que a estabilidade de câmbio e a maior previsibilidade impediriam ajustes recessivos nos países. “A desvalorização só seria permitida quando os países apresentassem problema estrutural”. O professor acrescenta que, ao coibir o movimento de curto prazo dos capitais, a tendência foi de se agravar a assimetria entre credores e devedores, com a fuga do risco.

As indicações de Breton Woods não foram levadas a cabo em sua totalidade e o FMI, nos últimos anos, “fez ao contrário”. A chamada era keynesiana, cuja principal característica era a política de intervenção do estado na economia, é considerada por Beluzzo como um período de maior integração internacional e comercial, equilíbrio do gasto interno e expansão do “estado de bem-estar” que significava, na prática, distribuição de renda e suporte para evitar a queda da demanda interna. “Até os anos 80, os países tinham controle da saída de capitais, seja de forma física ou jurídica. O que vivemos, hoje, é uma situação de descontrole, e o efeito sobre economias dependentes, como a brasileira, pode ser perverso”, conclui.